

# Um homem torturado: Tito de Alencar<sup>1</sup>

Jean-Claude Rolland<sup>2</sup>

---

Eu me permito abordar a questão da tortura sob um ponto de vista psicanalítico pois, quando era ainda um jovem psiquiatra, tive a oportunidade de acolher Tito de Alencar no hospital em que eu trabalhava. Intelectual duplamente engajado, religiosamente, como dominicano, e, politicamente, como líder de um dos movimentos de libertação nacional surgido no Brasil após o golpe de estado de 1964 – ele foi preso em 1969, depois do assassinato do líder comunista Marighela. Essa morte foi obra secreta do comissário Fleury e dos esquadrões da morte. Havia, no espírito de seus autores, um duplo objetivo: acabar com Marighela e comprometer definitivamente os religiosos engajados na luta revolucionária.

Durante vários meses de prisão, Tito de Alencar foi submetido a interrogatórios policiais e a torturas por esse mesmo comissário Fleury. Desta experiência de tortura, que o deixou definitivamente despedaçado, ele nos legou um duplo testemunho: de um lado, os escritos que teve a coragem de redigir na prisão (que foram publicados numa coletânea dedicada a ele: *Então as pedras gritarão*), e de outro lado, a restituição dessa experiência tal como ele a transmitiu através de um estado melancólico e delirante apresentado durante os meses que precederam sua morte.

Talvez pelo fato de pertencer à classe média, tradicionalmente favorável ao regime político então em vigor, mas também por se tratar de um religioso, parece que Fleury e seus torturadores perseguiram Tito de Alencar com uma crueldade particular.

---

1. Trabalho originalmente publicado em 1986 na *Nouvelle Revue de Psychanalyse* e, posteriormente, na *Revista TRIEB*, n.6, em 1998.

2. Membro titular da APF – Association Psychanalytique de France – exerce a psicanálise em Lyon. Publicou diversos livros, dos quais foram traduzidos para o português: *A língua e o psíquico* (2022); *Antes de ser aquele que fala* (2017) e; *Os olhos da alma* (2010), pela Editora Blucher e *Curar do mal de amor* (1999), pela Martins Fontes.

Tentando escapar, ele recorreu, na própria prisão, a uma tentativa de suicídio; cortou a artéria de um braço e só se salvou graças à vigilância de seus carrascos, que temiam ficar comprometidos por esse gesto. Tito lembra em seus escritos a frase que ele ouviu em seu semicoma: “Doutor, esse daí a gente tem que salvar de qualquer jeito, senão estamos perdidos”<sup>3</sup>. Foi, aliás, graças a esta tentativa de suicídio que, primeiro a Igreja e, depois, outras instâncias sociais, tomaram conhecimento da prática de torturas no interior das prisões brasileiras. Pois, como veremos adiante, uma das condições da tortura é poder beneficiar-se de uma efetiva clandestinidade.

Foi devido a circunstâncias excepcionais – o sequestro do embaixador da Suíça por revolucionários brasileiros, e sua libertação em troca de um certo número de prisioneiros políticos -, que Tito de Alencar pôde sair da prisão em 1970, sendo logo em seguida expulso do país. Depois de permanecer brevemente no Chile e na Itália, ele foi acolhido pela França.

Mas, essa liberdade real só fez dramatizar ainda mais a alienação interior à qual a experiência da tortura o havia condenado definitivamente. De fato, desde o início, Tito só foi capaz de começar a estudar, a fazer uma terapia e até mesmo uma análise, para logo em seguida abandonar tudo. Segundo seus amigos, durante todo o tempo em que permaneceu em Paris, tornou-se um homem inteiramente abúlico, remoendo incessantemente questões políticas e religiosas, duvidando profundamente de si, convencido de ter traído tanto a causa dominicana quanto a causa revolucionária. Passava horas escrevendo, como se tentasse reconstruir uma verdade interior. Sem sombra de dúvida, foi nesse ponto bem preciso que a tortura o venceu.

Diante de tanto desespero, seus superiores religiosos tiveram a ideia de confiá-lo a uma outra comunidade dominicana, extremamente calorosa, a de Eveux, localizada em um belo convento – La Tourette - construído por Le Corbusier nas montanhas do Lyonnais. Após um tempo em que ficou claro que Tito encontrara certo alívio, explodiram, forte e dramaticamente, as manifestações delirantes que não o abandonariam mais até seu suicídio, ocorrido alguns meses depois.

Tudo começou com fugas inexplicadas, sempre mais frequentes e mais prolongadas. Inexplicadas, até que um de seus Irmãos mais próximos lhes descobriu o motivo: Fleury falava com Tito e lhe dava ordens – de não voltar, de

---

3. Então as pedras gritarão, Editora Cana, 1980, p.59.

não comer, de não dormir... Este último ia ficando cada vez mais ensimesmado, mais mudo, mais triste. Depois de uma dessas fugas, ele foi hospitalizado.

Foi uma cena extremamente trágica a que todos nós assistimos então: um homem acuado entregava-se a nós, como se fossemos seus carrascos. Quando lhe deram um quarto, ele correu para a parede e levantou os braços, como se tivesse a chegada a hora de sua execução. Depois, quando lhe demos um remédio para acalmá-lo ele o tomou como se fosse o veneno que iria matá-lo. Uma cena extremamente dramática, pois nela estava reconstituída na íntegra a própria situação de tortura – uma situação que nós não tínhamos condições de entender na época, mas que, mais tarde, graças à cooperação dos Freis Dominicanos e de seus amigos, pudemos esclarecer.

Nós nos convencemos rapidamente de que não se tratava de uma patologia psiquiátrica habitual, nem de um ponto de vista semiológico, nem de um ponto de vista que chamarei de ético. Os sintomas apresentados por esse paciente, se eles podiam ser tomados por uma melancolia comum, inscreviam-se de fato em um contexto de exibição muito particular. Eu mencionei a palavra “cena”, pois o quadro clínico tinha uma dimensão intencionalmente teatral: apesar do mutismo quase absoluto desse homem, da força de sua crença delirante de que nós fossemos carrascos, nós pressentíamos também que sua consciência não tinha mergulhado inteiramente em uma convicção delirante e que estávamos lidando ali mais com um testemunho do que com uma patologia exibida pelo paciente. A intensidade do sofrimento psíquico, mais que a dor moral, corroborava essa visão.

Hoje, posso compreender que a aposta que fizemos então (nós da equipe médica e os Freis Dominicanos), de considerar esse estado menos como uma patologia e mais como um testemunho, concordava com a intenção de Tito de Alencar de nos comunicar, através desse “delírio” ou talvez através dessa exibição histérica, mas isso não importa...), as sevícias que havia sofrido durante a tortura, de uma maneira muito mais clara e precisa do que ele seria capaz de fazer por escrito. Tocamos aqui no limite da linguagem, que só pode dar conta daquilo que não escapa à consciência, enquanto seu delírio transmitia tudo que fora trocado inconscientemente entre ele e seus algozes. Mas, essa aposta queria também proteger Tito de uma decadência visada pelo torturador. O projeto do carrasco era mesmo “enlouquecer” a sua vítima, mas isso, em um *a posteriori* distante, quando a relação de causa e efeito com a tortura não fosse mais tão evidente. A loucura assim instalada passaria a provar apenas uma constituição doentia do sujeito, responsável também (por que não?) por seus erros de luta

e suas falhas no engajamento político. Um diagnóstico psiquiátrico de loucura teria difamado Tito de Alencar para sempre.

Apesar de vários períodos de melhora em que os sintomas chegaram a desaparecer, quando sua relação com os outros ficou mais fácil, nada mudou verdadeiramente no estado de Tito quanto a tendência a reviver e a fazer reviver compulsivamente, a situação da tortura, como se quisesse mostrar dessa forma a força e a qualidade específica – podemos dizer logo, erótica – do elo que se estabelecera, irrevogavelmente e contra sua vontade, entre ele e seus torturadores. Suas relações com os Freis de sua comunidade, aparentemente simples e calorosas, esgarçavam-se com crises interpretativas em que Tito os colocava em suspeita de serem cúmplices de Fleury. A sobrevivência nele da situação de tortura seguia seu curso, incessante, ainda que subterrânea.

Foi provavelmente querendo escapar à tortura que Tito de Alencar suicidou-se, quando estava aparentemente melhor e havia até mesmo acolhido a ideia de inserir-se socialmente aceitando um trabalho nos arredores de Lyon. Não podemos deixar de ver nesse suicídio bem-sucedido a repetição do gesto fracassado ocorrido nas prisões de São Paulo, gesto esse do qual ele havia sido despossuído por seus carrascos, como sendo o da última liberdade à qual um ser humano pode almejar. E nos sentimos autorizados a fazer com que as circunstâncias em que ocorreu o suicídio falem por si, já que ele se enforcou, no alto de um álamo, no meio de um depósito de lixo: é dessa forma que os pássaros migratórios se deixam prender em fios de alta tensão...Será que estamos poetizando os fatos, justamente, por reação ao movimento de despoetização que a tortura realiza no sujeito? Se a própria linguagem se mostra impotente, quando se trata de dar conta dos acontecimentos, isso implica sua desqualificação como meio de expressão poética, daí a busca de meios substitutos como a patologia – seja o suicídio, ou o delírio.

E, nesse suicídio e em sua cena particular, não nos foi dado ouvir sua infelicidade de exilado, seu desenraizamento – em relação a seus país, é claro, de onde havia sido expulso -, mas também um desenraizamento bem mais profundo, provocado pela tortura, em relação a ele-mesmo, à sua identidade, a seus ideais.

\*

O suicídio de Tito de Alencar desvenda claramente a natureza mortífera da tortura. Dentre os vários significados que podemos perceber nesse ato de suicídio – assim como na tentativa anterior -, destaca-se a vontade de dramatizar que havia morrido num certo sentido, digamos espiritual, durante a prova da tortura, e que, a partir de então, não passara de um sobrevivente.

É certo que a tortura nem sempre comporta um resultado tão aniquilador, e para alguns companheiros de Tito, igualmente torturados, as consequências não foram tão destruidoras. O caso particular de Tito faz com que nos perguntemos quais foram os motivos que tornaram essa experiência tão mortífera para ele. Se confrontarmos o que pudemos observar de seu delírio e das vicissitudes de sua sobrevivência aos escritos que ele deixou, devemos admitir, ou que o efeito psicológico que acompanha qualquer tortura física tenha sido particularmente virulento no seu caso, ou então que, além dos maus-tratos puramente físicos, Tito tenha sofrido uma forma específica de tortura psicológica. E isso é muito provável, já que, por seu estatuto social de padre e intelectual, Tito representava para seus carrascos, e sobretudo aos olhos do comissário Fleury, um símbolo. O símbolo de uma nova aliança entre a fé e a revolução, que vinha se opor à tradicional aliança entre Igreja e Estado, e que era absolutamente necessário desqualificar para evitar sua propagação. Essa aliança, devido à sua ambiguidade e sua novidade, representava um desvio que podia ter um desfecho positivo, e, conseqüentemente, demonstrar sua negatividade, constituía uma questão de absoluta prioridade. A ambiguidade da aliança vai ser então o ponto preciso no qual o torturador vai agir, e agir psicologicamente, através de um duplo movimento: de desqualificação da dialética que está em jogo e de destacamento da incoerência que nela também está incluída.

No testemunho que Tito de Alencar redigiu na prisão em 1970, encontramos uma descrição bem literal dos maus-tratos que sofreu. O seu primeiro contato com a tortura foi o “pau-de-arara”, procedimento que consiste em mandar o prisioneiro, nu, ficar de joelhos, passar uma barra de ferro entre seus joelhos, amarrar por trás seus pulsos nos calcanhares e suspendê-lo assim, de cabeça para baixo. “Pendurado assim, nu, levei choques elétricos em corrente contínua nos tendões dos pés e na cabeça. Eram seis torturadores. Eles me aplicaram “telefone” (bater ao mesmo tempo nas duas orelhas com a palma das mãos para estourar os tímpanos da vítima) e me xingaram.”<sup>4</sup>

Reconhecemos aqui, da parte dos torturadores, a busca de um efeito de somação das fontes de excitação: físicas, elétricas, sonoras e também verbais, a mudez trazendo, ainda, uma excitação muito diretamente sexual. Mas, vamos encontrar a mesma somação de outra forma. De fato, os carrascos não hesitam em cumular as sevícias nas diferentes partes do corpo. “Eles aplicaram choques

---

4. *Então as pedras gritarão*, op. Cit., p.52.

elétricos nas minhas mãos, nos pés, nas orelhas e na cabeça. A cada descarga todo o meu corpo começava a tremer, como se fosse se desintegrar”<sup>5</sup>. Essas somações são mais do que brutalidade em estado puro; elas têm por meta obter uma mutação psíquica do sujeito. Porém, se nós, agora, somos capazes de decifrar essa forma essa somação, Tito, quanto a ele, não percebia do que se tratava, e nem se dava conta da intenção que a sustentava. O testemunho posterior do delírio é muito mais autêntico que o escrito, que nos mostra que Tito só pôde ter consciência de uma parte da situação. Desde o início da tortura, produziu-se uma dissociação bem nítida entre a consciência imediata dos fatos e uma interiorização inconsciente, em que não estava mais em jogo a diferença entre as sevícias sofridas e as sevícias desejadas. “Era impossível saber qual parte do meu corpo doía mais. Eu tinha a impressão de estar esmigalhado por inteiro. Meu espírito não tinha mais coordenação, só me restava o desejo de perder os sentidos”<sup>6</sup>.

A somação tem, de fato, a intenção de comprometer, sem que a vítima o saiba, seu desejo, introduzindo dessa forma uma cumplicidade. Pois, através do sofrimento, o corpo é solicitado eroticamente até o ponto em que uma autoexcitação interna é capaz de substituir, de maneira quase autônoma, a excitação externa. Confusão e culpa serão as consequências de uma certa dissolução das categorias de interior e exterior: não é o torturador que faz com que o torturado perca os sentidos, este é o que o deseja. Obviamente, reencontramos o desejo agindo, caricaturalmente, na reconstrução delirante da tortura.

Uma etapa a mais pode ser observada na mudança psíquica secreta da vítima no seguinte fato narrado por Tito. Ele tinha sido entregue às mãos de outro torturador, o capitão Albernaz, e conta o que o ouviu dizer “Quando eu venho para a operação-prisioneiro, deixo o coração em casa. Tenho horror a padres... você conhece Fulano e Beltrano? (cita os nomes de dois prisioneiros políticos selvagememente torturados por ele). Pois você vai ter o mesmo tratamento que eles tiveram: choques elétricos o dia inteiro. Para cada NÃO que você disser, será uma descarga maior. Três militares estavam na sala, um deles gritou: `Quero o nome de homens e de organizações clandestinas`. Quando eu respondi `eu não sei`, levei uma descarga elétrica tão forte, a do setor ligado diretamente, que perdi o controle de minhas funções fisiológicas”<sup>7</sup>.

---

5. Ibid, p.52.

6. Ibid., p54.

7. Ibid.,p.55.

É difícil deixar de ver o que essa situação tem de patético, e o leitor não pode escapar ao espanto. Podemos medir a decadência à qual o verbo é levado neste tipo de experiência, tanto pela tendência que temos em ficar mudos diante de tal relato, quanto pelo fato de que o torturador parece não esperar outra resposta que não seja, justamente, o NÃO.

O desespero provocado na situação de tortura parece passar pela decadência da linguagem. De fato, há algo de abjeto nessa estratégia, que lança mão, com a aparente finalidade de fazer falar, de uma pressão que castra organicamente o sujeito em sua capacidade de expressão, a ponto de convencer o leitor de que a tortura não é aqui utilizada como método de interrogatório policial, mas que tem um objetivo autônomo, que é o de forçar a um compromisso.

De fato, as descargas elétricas têm aqui, de maneira bem precisa, a finalidade de levar a vítima a se conspurcar. Ainda em seu relato, Tito menciona a presença de várias pessoas junto ao torturador: são inúmeros olhares, então, que se concentram, para, através do voyeurismo, erotizar o relaxamento dos esfíncteres e os múltiplos afetos que isso provoca no sujeito. Nós insistimos sobre o aspecto exibicionista que estava presente em seu delírio e vimos, nesse exibicionismo delirante, a repetição de um afeto sentido durante a tortura, que Tito não tinha condições de dominar em seus escritos.

E o horror não tem fim: “Ele (o torturador) começou a me atacar moralmente: quais são os padres que têm amantes? Por que a Igreja não expulsou todos vocês? Quem são os padres terroristas? Ele disse que a Igreja era corrupta, que desviava dinheiro, que o Vaticano era o dono das maiores empresas do mundo. Todas as minhas respostas negativas eram seguidas de choques, socos, pontapés e golpes no peito. Numa determinada hora, o capitão Albernaz mandou que eu abrisse a boca para receber a ‘hóstia sagrada’. Introduziu um fio elétrico, fiquei com a boca inchada sem poder falar direito. Eles berravam contra a Igreja. Gritavam que os padres são homossexuais, porque não casam... suspenderam a sessão às quatorze horas” (notemos que ela havia começado às oito da manhã).<sup>8</sup>

A densidade patética do relato se deve à pressa na qual ele foi escrito, como se fosse uma luta contra o esquecimento, um recalque aliviante a curto prazo, mas que, posteriormente, tornar-se-á alienante por impor uma rememoração somente possível através do delírio.

---

8. Ibid., p.55-56.

Como já dissemos, Tito nunca pôde reassumir sua identidade de religioso, e grande parte de seus escritos evidencia a busca dolorosa de uma nova espiritualidade, tornada impossível pelo fato de que ele só podia considerá-la através da reconciliação de ideais contraditórios. Freud e Marx, Marx e Cristo etc. ...

No último fragmento de seu relato, podemos entender melhor o processo através do qual a tortura consegue alcançar a mutação psicológica do sujeito. Esta última consiste na destruição das autorrepresentações idealizantes valorizadas do eu. E, aqui, precisamente, o que é especificamente contestado é a representação mais espiritual, mais especular também: a imagem de padre. Essa destruição é seguida pela imposição de nova identidade, que vem negar a anterior: “Você é um falso padre”; ou contradizê-la: “A Igreja é corrupta”; ou, ainda, introduzir um sentido de decadência: “Os padres são todos homossexuais”.

Da maneira como Tito sabe evocá-lo, o procedimento de tortura parece desenvolver-se como um drama, cuja cena paródica da comunhão seria o ápice. Com uma malignidade estratégica que só poderia ser inspirada por uma relação muito passional, o uso do simbolismo religioso pelo torturador tem por objetivo desacreditar, tornar irrisório um setor da identidade da vítima, aquele que podemos afirmar ser o lugar de todas as sublimações, de todas as transcendências. A vítima fica assim desacreditada por ser levada a praticar gestos quase pornográficos, em um contexto de excitação corporal, após suportar horas de sevícias.

Podemos imaginar que foi nesse momento preciso que Tito de Alencar perdeu qualquer possibilidade de se reconhecer enquanto o padre que era. A razão pela qual ele foi obrigado a aderir a essa paródia está ligada à esperteza, que consiste não em denunciar a religião *ex abrupto*, mas em tornar evidente o suporte pulsional sobre o qual a sublimação religiosa pôde se erigir. De fato, o carrasco só faz com que identidade da vítima despenque de seu lado solar, sublimatório, para um lado pulsional sombrio. A tortura revela-se como uma operação de dessublimação.

Trata-se ainda de um empreendimento de despoetização. Se, nesse fragmento do relato, prestarmos atenção à importância das palavras empregadas pelo carrasco podemos depreender vários pontos. Assim como, provavelmente, o faz em outros momentos, o torturador não cessa de insultar a vítima, mas ele o faz de uma maneira relativamente sincrônica às sevícias físicas. É como se cada interjeição fosse lançada e introduzida no sujeito em seguida a um traumatismo físico. Efetivamente, essa linguagem diz certas coisas que nos impedem de nos proteger contra sua falsidade, pois ela contém, apesar de tudo, uma

parte de verdade. E é na ambiguidade entre verdadeiro e falso que ela se sustenta. Tomemos, por exemplo, a palavra homossexual – verdade de uma verdade que, latente, diz respeito a todo ser humano; e verdade também de uma verdade de fato, pois, na situação em que se encontra, Tito sofre passivamente uma paródia de felação dentro de um contexto de exibicionismo-voyeurismo. Na realidade, a linguagem faz mais do que apenas se introduzir no rastro da sevícia corporal: ela a acompanha e lhe dá um sentido que, sozinha, essa sevícia não poderia ter. A linguagem funciona aqui como um veredicto, ou melhor, como uma interpretação selvagem, que vem estigmatizar de maneira absolutamente irreversível a ressonância afetiva que a tortura visa provocar no sujeito.

Podemos afirmar que, com o insulto, o carrasco torna sua estratégia perfeita e encerra a experiência. A linguagem teria aqui um papel análogo ao dos olhares das várias pessoas que assistem a cena. Pois, como é que Tito poderia lembrar esse momento da experiência em que, nu, humilhado, pressionado, ele é espancado e estuprado passivamente – a não ser pelo veredicto de vozes e olhares: “Você é homossexual”, “Você se entrega e se expõe como uma mulher”?

Esta palavra que diz ao mesmo tempo o verdadeiro e o falso, que se impõe de fora e encontra dentro sua ressonância, não poderá mais ser objeto de uma elaboração espontânea. Destituída de seu estatuto semântico, ela sofreu uma despoetização que a reduziu a ser um corpo estranho, uma coisa, que habitará o sujeito durante muito tempo e que vamos reencontrar mais uma vez durante as fases menos subterrâneas de seu delírio, quando todo e qualquer ato de sua vida lhe será ditado pela voz de seu torturador.

Não resta a menor dúvida de que Tito de Alencar morreu mesmo durante essa tortura. Correndo o risco de me expor ao *páthos*, eu afirmo essa hipótese, na medida em que aquilo que era Tito, o religioso, o combatente, mas também o homem inserido em uma história privada, familiar, o filho, o irmão, deixou de ser. Tito transformou-se em outra pessoa, aquela que seu torturador desejava que ele fosse. É nesse sentido que podemos dizer que ele era um sobrevivente, e que nós, por não termos passado pelas provas que ele passou, éramos incapazes de compreender o que dele sobrevivia.

Era como se a tortura tivesse substituído o homem que ele fora por um novo homem, o que significa retomar o espírito da tortura no ponto em que o carrasco focaliza o olhar em um único ângulo, o ser enquanto vítima, desconhecendo inteiramente a realidade existencial do sujeito. Assim, nós ficamos extremamente chocados, quando uma de suas irmãs empreendeu uma longa e custosa viagem do Brasil até a França para ajudá-lo, e ele mal a reconheceu,

recusou qualquer familiaridade com ela, permaneceu impermeável a todas as tentativas de sua parte para tentar fazer reviver o passado de ambos.

Ele era o novo personagem criado por Fleury, e era isso que a tortura vivia. Observamos, pois, que existe um estreito parentesco na maneira segundo a qual o carrasco maneja as sevícias físicas e em sua forma de administrar os insultos. Em ambos os casos, trata-se menos de ferir de fora para dentro, do que de provocar um movimento interno de autodestruição e um impulso de autocrítica que devem continuar agindo por conta própria. É precisamente isso que Tito de Alencar mostrava em seu delírio, quando se impunha todas as privações que sabemos, e é isso também que a incessante atividade auto recriminatória denunciava. Seu caso poderia ser considerado o de uma tortura bem-sucedida: é possível que o ideal do torturador seja desencadear aquilo que, no ser humano, está disponível para uma autotortura (como é o caso de muitas patologias): autodesvalorização, autocrítica, autopunição. Talvez tenha sido essa argúcia psicológica o motivo do orgulho demonstrado por Albernaz, quando disse, referindo-se a Tito: “Nós sabemos fazer as coisas sem deixar vestígios. Se ele sobreviver, não esquecerá nunca o preço de sua audácia”<sup>9</sup>.

\*

Em um momento muito preciso, Tito sentiu que havia traído, que tinha deixado escapar alguns nomes. Ele continuará se acusando durante muito tempo por este fato, de forma melancólica, se bem que todos os testemunhos colhidos não concordem com essa sua convicção: ao que parece, ele não entregou o nome de ninguém sob tortura. Vemos aqui nessa autoacusação um meio cômodo, imediato, de racionalizar o sentimento de culpa. Mas, além disso, ele parece deslocar para essa falha clássica dos torturados um sentimento muito mais sombrio e expansivo da traição. Em seus escritos, o sentimento de ter traído assume a forma de uma preocupação nova em relação ao destino de seus Irmãos Dominicanos: “na minha cela, não conseguia pegar no sono. A dor aumentava sem parar. Tinha a impressão de que minha cabeça era três vezes maior que o corpo. Era preciso acabar com isso de uma vez por todas. Eu sentia que não poderia suportar mais tanto sofrimento. Ficava angustiado, pensando que meus Irmãos Dominicanos poderiam vir a sofrer a mesma coisa”. O desejo de morrer permanece indissociavelmente ligado a esse sentimento de traição, que representa a própria essência da autotortura e, ao mesmo tempo, constitui a

---

9. Ibid., p.57.

finalidade máxima da tortura, uma vez que é o grupo ao qual pertence a vítima que o carrasco quer atingir através desta.

Nesta mesma época foi lançada publicamente uma campanha na imprensa contra o grupo dos Dominicanos. Lemos, no jornal *O Globo*, as seguintes afirmações: “Eles (os Dominicanos) traíram a fé passando para o comunismo, e, depois, traíram o comunismo entregando Marighela. São os novos Judas”<sup>10</sup>. É curioso observar que as mesmas acusações difamatórias, as mesmas calúnias, circulam ao mesmo tempo, no mundo e no espaço fechado, clandestino, interindividual da tortura. Isto nos permite considerar que se trata da mesma guerra, deflagrada, em ambos os casos, por determinado grupo ideológico contra outro. A tortura poderia ser entendida como uma espécie de microcosmo da guerra mais geral, oficial; seria uma guerra de “laboratório” na qual os obstáculos, as derrotas encontradas pelo poder, na realidade, seriam milagrosamente eliminadas. Um microcosmo no qual o poder constrói a ilusão de que a realidade corresponde ao seu desejo: a tortura seria, assim, um campo de utopia. Ao esmagar física e espiritualmente Tito de Alencar, o torturador e o grupo que ele representa talvez não quisessem outra coisa senão acreditar que poderiam vencer sem dificuldades uma oposição de ideias que estava ameaçando suas convicções. A busca dessa ilusão de vitória explica muito melhor a crueldade das sevícias do que uma pretensa procura de informações, já que, como vimos, tais torturas, na maioria das vezes, deixavam Tito inteiramente incapaz de falar.

Todavia, Tito, uma pessoa bem real, só é torturado como efígie do grupo dominicano que ele simboliza. Existe na tortura um fundo de exorcismo que permanece preso dentro do não-dito, do não-sabido, tanto de um lado quanto do outro, mas que introduz sua própria confusão no mistério da experiência. Em *Totem e Tabu*, Freud afirma: “Um dos procedimentos mágicos mais comumente usados para prejudicar um inimigo consiste em fabricar sua efígie em um material qualquer. Pode-se ainda demonstrar que tal ou qual objeto representará sua imagem. Tudo o que for infligido a esta efígie atingirá também o modelo odiado. Basta lesar uma parte qualquer desta, para que a parte correspondente do corpo daquele fique enferma”<sup>11</sup>. O material qualquer, aqui, é o ser Tito de Alencar, e o objeto que representa a imagem é o seu corpo.

---

10. Ibid., p.12.

11. Freud, S., *Totem et tabou*, Petite Bibliothèque Payot, p.94.

Vamos manter a hipótese da tortura enquanto prática exorcista, pois ela nos permite acompanhar a decadência da palavra e da linguagem, tal como ocorre na tortura, até chegar a essa forma semiótica singular que é a confissão. Foi, efetivamente, seguindo uma progressão muito sábia que Tito de Alencar foi destituído de sua palavra de homem, já que a clandestinidade e a ilegalidade da tortura acabam com qualquer referência ética. E, que ele foi despojado depois de sua palavra de sujeito, pois o domínio sexual, para o qual tende o carrasco, leva a vítima a se identificar com um corpo erógeno que só fala em excitação e em compulsão à repetição. E, finalmente, com esta etapa que a imagem de efígie nos permite representar, compreendemos que a palavra chamada pelo torturador não é a palavra de Tito de Alencar, a respeito de Tito de Alencar, e sim, a do representante de certo grupo a respeito do grupo em questão. Trata-se, então, de uma palavra que, longe de estar servindo a uma verdade qualquer, tem uma única razão de ser: responder, de maneira bem precisa, a uma certa expectativa do torturador. Essa expectativa seria, evidentemente, a entrega de determinados nomes, a prova de um comprometimento, de um erro, de uma traição, pouco importa. Pois, o que quer que a vítima diga ou deixe de dizer, vai ser uma palavra que será ouvida pelo carrasco como ele esperava que ela fosse: é a confissão.

Tudo fala a favor do torturador, e tudo vem provar que a vítima realmente falou, pois a confissão não corresponde jamais a um enunciado qualquer, e, sim, a certa forma de decadência da linguagem, na qual o signo verbal só é interpretado segundo o desejo daquele que o ouve.

A forclusão do outro social, o livre desenvolvimento da onipotência do desejo do carrasco, tudo isso vem caracterizar o caráter louco, psicótico dessa situação de tortura que a decadência do verbo acaba cristalizando. Um autor como Jules Michelet já havia, há mais de um século, compreendido a dimensão delirante desse fato: “Uma feiticeira confessa ter tirado do cemitério o corpo de uma criança morta recentemente para usar seu corpo em suas composições mágicas. Seu marido diz: ‘Vão ao cemitério. O corpo está lá’. Ele é desenterrado e encontrado em seu caixão. Mas o juiz decide, contra o testemunho de seus próprios olhos, que se trata de uma ‘aparência’, uma ilusão do Diabo. Ele prefere a confissão da mulher ao próprio fato. Esta acaba sendo queimada”<sup>12</sup>.

---

12. Michelet, J., *La sorcière*. Garnier-Flammarion, 1966, p.162.

Esta decadência da palavra será posteriormente denunciada por Tito através do longo período de mutismo que pudemos observar, assim como por seu automatismo mental, quando uma voz que não era sua falava dentro de seu corpo.

\*

A prática da tortura é insana, e perante essa loucura passional, a denúncia e a luta política devem ser tão passionais e implacáveis quanto aquela. Mas ela é louca, também, no sentido psiquiátrico do termo. Sem que isso venha contaminar em nada a luta política, nós devemos sublinhar este fato, pois essa loucura situacional exerce, por si só, um efeito psíquico destruidor sobre a vítima; e existe ainda um interesse antropológico que consiste em entender como, por que mistério, homens civilizados assumem a responsabilidade por essa prática.

Pierre Vidal Naquet<sup>13</sup>, referindo-se às torturas praticadas na Argélia antes da independência, nos convence de que a tortura só foi possível porque os políticos falharam gravemente em sua função de controlar as instituições e autorizaram um vazio jurídico que foi o que permitiu a instauração das práticas da tortura. Abandonado pelo jurista, dispensado – com uma certa complacência da lei – o militar se transforma em torturador e, com isso, torna-se louco também, permitindo-se lançar mão de uma atitude exorcista e mágica que passa a substituir seu pensamento.

De fato, unicamente uma loucura, ou digamos, um enlouquecimento, seria capaz de nos fazer compreender a extraordinária crueldade demonstrada nessas situações, o encarniçamento sádico que amarra – literalmente – o algoz à sua vítima; e o relato de Tito de Alencar nos fornece uma descrição de pungente realismo e grande argúcia psicológica a esse respeito. Efetivamente, é a uma certa figura do torturador, aterradora por sua desumanidade, que se refere, de maneira contínua, o texto em questão.

Podemos imaginar a revelação que constitui para a vítima esse encontro com o rosto humano que é brutalmente, sardonicamente, desvendado pelo torturador: Tito terá que se debater contra essa imagem e vai precisar, ao mesmo tempo, nela se reconhecer como homem e dela se afastar, em uma contra-identificação que muitas vezes se aproxima do angelismo.

Nós mencionamos, na história de Tito de Alencar, o exibicionismo um pouco histérico que ele às vezes demonstrava. Sua indiferença para com o outro não era desprovida de certa arrogância, e talvez tivesse até mesmo a convicção

---

13. P.Vidal Naquet *La torture dans la République*, Maspero, 1972, pp.101-114.

secreta de ser herói, de ter passado por uma experiência única, de ser, por assim dizer, um iniciado. Junto a algo que estava ligado ao sentimento de decadência, havia uma patologia do “Eu grandioso” que comandava seu isolamento do mundo. Esta última talvez tivesse achado uma justificativa na estranheza da experiência que, na confusão em que se encontrava, ele elaborou como sendo uma iniciação sacrificial da qual ele era o único e singular depositário, à imagem de Cristo – com quem ele, aliás, se comparou em diversas oportunidades.

E, nós também, não ficamos fascinados com a experiência que ele viveu, por termos visto aí o homem em sua virtual crueldade, de que a civilização nos protege e separa? Quanto a mim, eu vejo, no grande número de escritos que sua vida suscitou, uma vontade de retransmitir – não sem a ideia de uma possível redenção – essa revelação, em um momento quase angélico. Porém, esses atos de palavra têm também uma função autônoma: livrar Tito da subversão infligida pela tortura.

A tortura sempre se desenvolveu por ocasião de causas religiosas, espirituais ou ideológicas. Não podemos ignorar que nesse contexto de idealidade – e de predisposição mágica que o próprio ideal sustenta –, a tortura é tanto mais tentadora quando se lhe atribui uma eficácia que não provém da objetividade, e, sim, do poder de anulação que ela é capaz de desencadear. Os processos de bruxaria, Inquisição, as dragonadas, os recentes genocídios, que visavam destruir o que era da diferença, como sendo representante do mal, convocaram a tortura para este fim.

---

**Jean-Claude Rolland**

jean.claude.rolland@wanadoo.fr